

AMILTON BATISTA - Vereador

“O questionamento deve ser visto como algo natural. Deve ser visto como algo de quem é aliado, mas não é subserviente. De quem é amigo, mas não é do time do sim ou do sim senhor”

Flávio Mobaroli e Marcos Vieira

Em seu quarto mandato, o experiente vereador Amilton Batista (PTB) é o aliado mais de oposição que o prefeito Pedro Sahium (sem partido) possui na Câmara Municipal. Em seus pronunciamentos, Amilton não poupa críticas a alguns setores da administração municipal. Na semana passada, o alvo foi o próprio prefeito. Diante da falta de sintonia em relação a obras de infra-estrutura no bairro Alexandrina, Amilton questionou qual o lado que Sahium o queria, na situação ou na oposição. “Estava cobrando um posicionamen-

to político, porque o administrativo eu já tinha o diagnóstico”, explica o vereador. Para Amilton, não há desgaste ao vereador que apóia uma administração reprovada pela sociedade. “Cabe a ele, como gestor da cidade, pagar o preço”. O vereador não acredita que Pedro Sahium mereça a cassação por conta das denúncias no Mercado do Produtor, que ele chama de “trapalhada”, e defende o poder Legislativo. “É o poder mais vulnerável que existe na República, porque é o mais próximo do povo. É aquele que primeiro recebe as críticas”. Amilton Batista concedeu entrevista ao *Jornal do Estado* na tarde de quarta-feira, dia 24, depois da sessão ordinária. Confira os melhores momentos.

“Sou aliado do prefeito, mas não subserviente”

O senhor fez um pronunciamento duro no plenário e questionou se o prefeito Pedro Sahium o queria na base aliada ou na oposição. Existe possibilidade de rompimento com o Executivo?

Não. Isso significa que todo agente político, principalmente aqueles que exercem função delegada pelo voto, precisa estar atento ao pensamento da população. E esse pensamento que tenho da necessidade de estar permanentemente em sintonia com o pensamento da população, me leva a questionar a necessidade de melhorar a nossa atuação e dos nossos pares – seja no poder Executivo ou Legislativo. A população nos cobra muito e essas cobranças precisam ter consequência. Quando falei da minha forma de atuação, estava questionando a lentidão nos trabalhos de recuperação da infra-estrutura viária e também o que eu qualifico de deficiência na sintonia dos auxiliares do prefeito com a base aliada aqui na Câmara. E estava ao mesmo tempo cobrando um posicionamento político, porque o administrativo eu já tinha o diagnóstico. Eu cobrei no sentido de dizer ‘olha eu pretendo trabalhar apenas com a minha equipe ou pretendo trabalhar com a minha equipe e também com os meus parceiros na Câmara Municipal e ouvindo as suas sugestões’. É isso que eu queria ouvir do prefeito.

E ouviu?

Ouvi do prefeito a manifestação das dificuldades que ele encontra. Ouvi os problemas que já são de conhecimento público. E em decorrência disso ele realmente tem muito por realizar, por cumprir os compromissos que assumiu na campanha. Como vereador eleito na mesma eleição, eu assumi também compromissos em com as chamadas bases eleitorais, com comunidades inteiras onde pedi voto. São compromissos públicos no sentido de contribuir para a realização de obras de asfalto, construção de unidades de saúde e educação, ações na área de preservação dos córregos e áreas verdes. Alguns setores da cidade não têm recebido atenção das administrações – não dessa apenas – e eu venho assumindo compromissos para mudar isso. Luto pela região leste e sul, por exemplo, entre outras. A cidade deve para setores dessas regiões. São setores que existem há 30 anos e não tem recebido benefícios condizentes com

o crescimento demográfico. O prefeito tem conhecimento dessas demandas e tem compromisso de resgatar isso. Algumas ações imediatas começam a ser desenvolvidas, de forma que o questionamento deve ser visto como algo natural. Deve ser visto como algo de quem é aliado, mas não é subserviente. De quem é amigo, mas não é do time do ‘sim’ ou do ‘sim senhor’. Eu sou aliado do prefeito, mas não sou subserviente a ele. Eu tenho necessidade de exercer a independência para criticar. Faço críticas a diversas áreas da prefeitura que cometem erros. Tenho a obrigação de criticar. Na relação direta com o prefeito, a questão é do posicionamento político. Porque do ponto de vista administrativo tenho obrigação de contribuir com ele. As pessoas me elegeram para isso. Ninguém elege ninguém para ficar de braços cruzados ou ficar apontando erros. As pessoas esperam o benefício, o desenvolvimento da cidade.

O senhor acredita que o prefeito merece críticas em relação a esse assunto do Mercado do Produtor, que o levou a duas condenações na Justiça?

Sem dúvida nenhuma. Essa foi uma trapalhada do prefeito. O primeiro momento da gestão do prefeito Pedro Sahium foi conduzido na área econômica com muitos erros, com muitas trabalhadas. E na área política com alguns percalços nas definições estratégicas de ação. Felizmente ele mudou o comando econômico, que ainda exerce algumas falhas, mas melhorou muito no que diz respeito à lisura, à correção das atitudes. Não ouvimos falar que nas áreas de Planejamento ou Controle Financeiro estejam acontecendo erros ou falhas que demandem questionamentos de maior monta. Existem evidentemente falhas, mas não se caracterizam como erros que demandem maiores questionamentos. São erros próprios de quem está fazendo a gestão pública.

A condenação dada pela Justiça, de cassação do mandato do prefeito, foi correta?

Eu acho que o posicionamento do Judiciário... Até como advogado acho prudente não me meter. Eu sou político, mas também advogado especialista nas áreas de família e processo do trabalho. Mas o poder Judiciário tem os mecanismos para atuar, mecanismos para tomar as decisões que toma e, por



uma questão ética, entendo que não devo fazer avaliação se está ou não errado. Acho que houve erro por parte da administração. Não acho que tenha havido crime, mas o erro implica sanções. Todo erro tem que ser punido. Mas também não acredito que esse erro tenha a grandeza ou a dimensão que leve um prefeito eleito no segundo turno, pela maioria da população, seja cassado. Eu respeito quem pensa que ele deva ser cassado, mas acho que a dimensão do erro não é proporcional à punição dada.

Ser aliado de um prefeito com índices de rejeição altos não significa pagar um preço alto?

Exercer uma função implica em pagar preço. Não acredito em nenhum sucesso do homem público que se coloca em cima do muro. Eu acredito no sucesso através das definições claras. Eu fui líder do prefeito Adhemar Santillo. Ele tinha um desgaste igual ou superior ao que tem Pedro Sahium. Ele foi o último colocado nas eleições de 2000. Eu era seu líder, disputei as eleições concorrendo com mais de 500 candidatos e todos os meus amigos diziam que eu estava queimado. E eu dizia na época ‘quem tem desgaste é o prefeito’. Eu nunca fui conivente com os erros praticados pelo prefeito. Eu defendi os projetos que ele apresentou e foram bons para a cidade. Resultado: o prefeito pagou o preço do seu desgaste e foi o último colocado e eu fui o primeiro do meu partido, dobrei mi-

nha votação sem muito esforço. No exercício seguinte eu fui aliado e companheiro do prefeito Ernani de Paula, líder de governo inclusive. Defendi todos os projetos de mudanças estruturais, importantes para a cidade. Entretanto, quando o Ernani cometeu o erro político de confrontar com os outros poderes, como o Judiciário e a Câmara Municipal, eu não tive condições de estar ao seu lado. E todos diziam que quem esteve ao lado de Ernani de Paula está liquidado na política de Anápolis. Da mesma forma eu fui candidato, Ernani foi cassado e fui reeleito como o mais votado do meu partido. Então não tenho essa preocupação. Caso eu estivesse mudado de lado, fosse traidor, se agora em função dos erros administrativos que o prefeito comete eu mudasse de lado, como faz alguns, eu não obteria sucesso.

O que faria o senhor mudar de lado?

O que me faria ir para a oposição seria desvio de conduta do prefeito. Desonestidade, dinheiro na conta. Ou confronto com o poder que eu represento. Porque os erros que o prefeito comete são administrativos. Difícil mente ele vai poder disputar eleição com sucesso nos próximos anos, principalmente por conta desses fatos que conhecemos.

Essa colocação representa que o senhor reconhece uma série de equívocos que o prefeito comete. Não seria imoral estar ao lado de uma

pessoa que comete erros e que provavelmente não conseguirá nem se eleger mais?

De forma nenhuma. É preciso haver coerência. É preciso haver uma linha única de pensamento. Todos os erros que eu falo o prefeito corrigiu. Ele está respondendo agora por erros cometidos na sua administração há alguns anos. Como eu disse, na primeira fase da administração existia um grupo que fazia a gestão política e econômica que cometeu muitos erros. E ele prefeito está pagando. Mas ele corrigiu quando demitiu essas pessoas. Agora cabe a ele, como gestor da cidade, pagar o preço. Agora se ele tivesse mantido aqueles auxiliares que cometeram os erros, se ele tivesse insistido na mesma prática... Aí então teríamos que repensar nosso posicionamento. Porque é muito fácil se afastar de um amigo em dificuldades. Eu próprio já fui vítima disso. Para o gestor público isso é mais característico, porque além dos amigos têm os puxa-sacos, os interessados – todos do lado. Eu nunca abandonei um amigo em função de dificuldades. Eu abandono um amigo no dia que ele não for mais digno de minha amizade. Todas as vezes que ocorreram erros eu disse publicamente sobre eles. Na época eu disse ao prefeito que não dava mais para manter o secretário Ráfic. Depois disso o mesmo sobre o secretário Edmar. E depois também falei que não dava para manter a empresa de consultoria Ética. Foram colocações claras. Uma postura de quem é amigo. Eu cito esses exemplos porque eles representam bem o meu pensamento. O prefeito teve a humildade, nesses momentos, de recuar. Da mesma forma que em todos os momentos que ele encaminhou projeto de lei, e tínhamos posicionamento diferente, dissemos para ele retirar porque não tinha como aprovar. Agora sobre o fato de defender uma administração desgastada: é muito mais fácil defender do que uma administração com 80% de popularidade. Nós temos pessoas que se dizem aliados do prefeito que só comparecem em eventos de inauguração. Ficam pelas esquinas fomentando as críticas.

Qual a avaliação que o senhor faz do trabalho da Câmara Municipal, que tem sido alvo de severas críticas?

A Câmara Municipal não é diferente de outras do

Brasil a fora. Não é diferente das Assembléias Legislativas e não é diferente do Congresso Nacional. É o poder mais vulnerável que existe na República, porque é o mais próximo do povo. É aquele que primeiro recebe as críticas. O Judiciário, sem uma análise mais profunda, é o poder onde a população tem acesso apenas via advogado – precisa de intermediário. O poder Executivo se diluiu no nível dos governadores e prefeitos. O presidente, por exemplo, usa a caneta para sobrepor a outros poderes. Então o Legislativo é o mais criticado. Mas ele não concentra todas as mazelas da sociedade. Estamos vendo aí desvio de comportamento, falta de competência, corrupção em todos os poderes, a todo o momento. Toda semana tem notícia de desvio de recursos públicos no poder Executivo em seus mais diversos níveis. De forma concreta, a atuação da Câmara de Anápolis não é diferente de outras. Porque ela representa a sociedade. Muitas vezes chega aqui – e eu sei bem porque estou no quarto mandato – um vereador que os chamados ‘formadores de opinião’ questionam como ele conseguiu ser eleito. Eu digo que a população que o elegeu certamente vê nele o líder que eles gostariam de ter. Então o poder Legislativo tem essa característica de representar o povo na conceitualização existente na Constituição. E representando o povo representa todos os níveis: os bons e ruins, os cultos e incultos, os letrados e analfabetos... Nós não podemos qualificar ou fazer avaliação sobre qualidade da Câmara através do número de projetos. Porque podemos ter um número muito grande projetos que não signifique nada para a cidade. Às vezes um projeto só marca uma gestão. Eu afirmo a vocês que se não tivessem ocorridos esses fatos, e o prefeito Pedro Sahium não estivesse com esses índices de impopularidade, apenas o projeto do Plano Diretor marcaria a sua gestão. Não adianta fazer avaliação individual. Já testemunhei vereadores criticados quatro anos porque não discursam, não apresentam projetos. Vereadores que vem, assinam, votam e vão embora. Não prestam atendimento em gabinete. Vem a eleição e ele se reeleger sempre com mais votos. E as pessoas se perguntam o que aconteceu. Eu acho que o quê precisa é demonstrar não apenas com as atitudes, mas através dos meios de comunicação, a importância de termos um poder Legislativo.